

Emoções enlatadas em rótulos de Salsichas Carioca

Depois eu conto. Uma literatura é feita basicamente de doses de Old Eight, arrependimentos e uma memória alucinada com a própria insensatez. Mas isto é apenas o começo.

O estilo é o que importa. Afinal, até para lavar vasilha é preciso ter um estilo. Acredito que os grandes escritores - Kafka, Borges, Robbe-Grillet - possuem um jeito personalíssimo de ver e traduzir o que sentem. Até para arrotar esses caras conseguem ser insuperáveis, e o fazem de modo singular.

Da minha parte, o que tenho a dizer é o que já disse: não é com eles que me “motivo” a escrever. Meu “professor” é o Paulo Coelho. Dráuzio Varela. Esses que fizeram da literatura um negócio escroto para leitores sem a menor vocação para ler uma metáfora. “Literatura” para engenheiros e advogados, dentistas e publicitários, ou seja, pessoas sem o menor talento especial.

Sensibilidades iguais a zero, nulidade das nulidades. E estantes vazias decoradas com souvenirs de viagens à parques temáticos em Orlando e praias em Miami. Que lindo. Eu não tenho muitas alternativas para fugir disso tudo, mas, ao mesmo tempo, porque eu fugiria?

Na escrita não se pode broxar, é a melhor frase de efeito que me ocorre agora. Afina: dane-se! Com uma exclamação dessas a literatura se renova, assim, como um soco na boca do

seu estômago.

É preciso fazer dessa escrita uma coisa doentia, assim como assassinatos de grávidas em praça pública no centrão da cidade. Um crime nunca é suficientemente sórdido como convém a pessoas sutis como eu. Meu maior medo é me tornar alguém igualzinho àqueles que desfilam com os gadgets da última, lançamentos cósmicos que a bosta da minha vida sonhou desde sempre.

Afinal, somente brincando de ser adulto que alguém suporta esta porra.

Eu não preciso ser tão diferente, apenas algumas manias como afogar periquitos e não limpar a bunda em festas de casamentos da família. Pequenas aberrações todos os domingos diante da tela do Faustão, como alguém que multiplica arrependimentos em série torcendo para que alguma estrela global acabe com uma fratura exposta durante a Dança dos Famosos. Touché!

Ódio pouco é bobagem. E se for para planejar algum atentado suicida, candidatos não faltarão. Afinal, quanto vale a vida depois dos últimos capítulos da novela, interrompidos bruscamente por algum noticiário urgente informando sobre o último cabaço estourado da alma inútil? (Entenda como quiser e tire suas próprias conclusões mequetrefes)

Isso é mais que arrependimento. Meus sufocamentos desde os oito anos nunca me ensinaram nada, exceto a condição filhadaputa de quem aceitava que os colegas, na hora do recreio, se empurrassem deliberadamente para derramar suco de uva sobre meu pobre uniforme branco agora manchado a sangue de açúcar. Eu implorava para ser amado, não me importava se para isso, tivesse que ser usado como pinico, desde que me permitissem participar da “turma” de amiguinhos da 1ª série.

Mas como sempre (não me canso de repetir), nada disso importa. Nenhuma pretensão literária valeria mais do que algumas latas de Salsichas Carioca, igualzinho aquelas que eu abria no meio da noite para saborear com café frio e pão murcho, sentindo o pênis duro dentro da cuequinha pulsar como alguma estrela perdida na noite, mesma noite que

um dia me engoliria de novo, e para dentro

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/emocoes-enlatadas-em-rotulos-de-salsichas-carioca>